

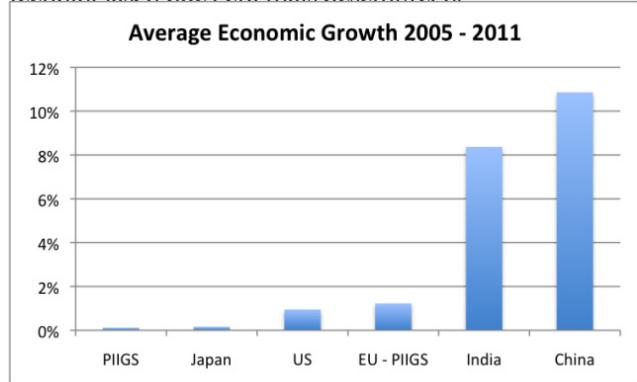
Opinião

Segurança Alimentar e as Sistemáticas Contradições do Capitalismo

Por Marcos Costa Lima

Um entendimento mais abrangente da crise que hoje fustiga o capitalismo - ilustrado pelo quadro 1 abaixo - evidencia que é incorreto destacar apenas as questões industrial, tecnológica e financeira (1) como capazes e suficientes para estabelecer a sua compreensão global.

O declínio das economias avançadas acontece desde 1973. O ciclo de 2001 até 2007 foi o mais débil desde o pós-Guerra, apesar do maior estímulo econômico público da história dos EUA em tempos de paz. A crise é financeira, dos bancos e dos mercados acionários, mas foi muito além. Houve queda dos investimentos, incapacidade de retomar a taxa de lucros e forte queda dos salários. Houve um excesso de oferta que ficou crítico com o aumento das exportações asiáticas, produzindo mais baratos os mesmos produtos dos países desenvolvidos. Ao mesmo tempo, as grandes corporações investem pesado em novas tecnologias.



Fonte: Gail Tveberg, <https://ourfiniteworld.com/author/gailtheactuary/> acessado em 23/03/2018

O objetivo deste breve artigo é de evidenciar que o setor agrícola global, hoje regulado pelo grande capital, pelas grandes corporações do setor, representa uma imensa e complexa rede e cadeia, que articula o grande varejo como a Cargill (EUA); Tyson Foods (EUA); Green Giant (EUA); Archer Daniels Midland (EUA); Wal Mart (EUA); Tesco (Reino Unido); Ahold (Holanda) e Carrefour (França). O setor de sementes, como Monsanto (26% do mercado mundial); Du Pont Pioneer (18,2%) e

Syngenta (9,2%), mas também o setor produtor de máquinas agrícolas, como a AGCO (EUA); a New Holland (EUA), a Case IH (EUA), a John Deere (2) (EUA), a Lindsey Corporation (EUA), a Kubota (Jap); a CNH (RU); a Mahindra (India) e a Shifung

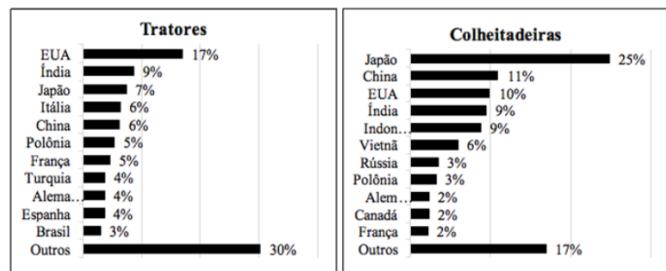


Figura 1 – Maiores frotas de tratores e colheitadeiras (média do quantum entre 2000 e 2010)
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da FAO (2014)

Nota: * Tratores agrícolas em unidades, conforme classificação da FAO (2014);

Segundo François Chesnais (1996) (3), os países centrais, aqueles da Europa Ocidental, os Estados Unidos da América e o Japão, já haviam estabelecido, no final da década de 1970, o mercado mundial, através de suas corporações transnacionais, englobando o setor da indústria de máquinas agrícola; mas são as corporações dos EUA, que através de fusões e aquisições, acabaram conformando o imenso oligopólio no setor, também identificado como “monopólio concentrado e diferenciado”.

O sociólogo McMichael, em um de seus artigos (4), reproduz a questão feita pelo Mahatma Gandhi: “Se o Reino Unido precisou explorar metade do globo para ser o que é hoje, quantos globos a Índia precisaria?” O fato é que a provocação equivale dizer que o colonialismo ainda continua a moldar a desigual distribuição de recursos e seria um lugar comum substituir os EUA pelo Reino Unido e a China pela Índia.

Quando o Reino Unido implantou a sua “oficina do mundo”, ele dependeu de um experimento radical e sem precedentes que foi a terceirização de sua agricultura para as colônias. Os EUA e a Europa continuam a proteger seus setores agrícolas, dando prosseguimento ao padrão de terceirização, que, pelo visto, está sendo intensificado; à medida em que os custos crescentes das fazendas no hemisfério Norte exigem subsídios vultosos por parte dos estados centrais. Ao mesmo tempo, a reconstrução corporativa das relações de consumo de alimentos substitui cada vez mais as culturas de alimentos tradicionais no Sul global, onde grande parte da população

rural reside e consome em torno de 60% dos alimentos que produzem. Para 4 bilhões de pessoas excluídas do mercado global acessarem a terra, representaria competir com as pressões das Corporações Multinacionais (CMs) do setor de agrobusiness, incluindo os supermercados globais. O Sul agrário é o núcleo da globalização do setor, mas totalmente dirigido pelas CMs.

Hoje, a exportação de alimentos se transfere para os países de renda média como a China, o Brasil, a Argentina, Tailândia, Indonésia, Malásia e México. Ou seja, as colheitas de proteínas domésticas da Europa foram dizimadas pela importação de soja barata da periferia e de outros grãos, que reforçam a apropriação de terras sob a forma de monocultura extensiva. Como diz o sociólogo de Cornell, “as projeções de lucro e as tecnologias da bioeconomia dependem do acesso à produção externa de biomassa para prover as economias ricas” (5).

Com a evolução da reestruturação agrícola mundial, sobretudo a partir dos anos 1990, a criação de gado, a produção de soja, de óleo e rações foram transferidas para os países de renda média, sendo que as empresas transnacionais passaram a controlar estes setores. As políticas neoliberais passaram a dar prioridade ao comércio internacional e não à produção de alimentos para a população. Verifica-se, portanto, dois regimes de produção, aquele voltado e orientado para e pelas corporações transnacionais, articulado ao grande negócio e às bolsas de valores, e um outro, de base camponesa e familiar, descentralizado e dirigido aos mercados internos. O regime alimentar corporativo acaba por definir uma ampla espoliação dos pequenos proprietários de terras que se transformam em trabalhadores informais das cidades, conformando um imenso exército mundial de reserva no Sul Global.

Daí decorre um quadro assustador explicitado no excelente livro de Mc Michael (2016), onde afirma que em 2005 “70% dos países do Sul Global eram importadores líquidos de produtos alimentares” e explica que “a dependência alimentar foi a contrapartida de um processo de centralização dos estoques globais de alimentos – 60% sob o controle de corporações, seis das quais controlando 80% do comércio global de trigo e arroz e três países produzindo 70% do milho exportado” (Mc Michael, 2016, p.82).

Quatro das corporações do agronegócio de grãos – ADM, Bunge, Cargill e Dreyfuss, também conhecidas como ABCD -, controlam a movimentação da soja brasileira, mas também aquela dos EUA e da Argentina, para a China, que representa a liderança do processo de crédito e insumos ao processamento e expedição.

O Brasil nos anos 1990 duplicou suas exportações de alimentos. Em 2010, o país já havia superado o Canadá, se tornando terceiro maior exportador de produtos agrícolas do mundo. Hoje, apenas Estados Unidos e União Europeia vendem mais alimentos no planeta que os agricultores e pecuaristas brasileiros. Segundo

relatório OCDE-FAO de 2016, o Brasil já é o 2º maior exportador de alimentos do mundo (a relação dos 10 maiores exportadores é a seguinte: EUA, Brasil, China, Canadá, Argentina, Índia, Indonésia, Austrália, Tailândia e Malásia).

Para Mc Michael, o conceito de regime alimentar define uma ordem mundial capitalista dominada, hierarquizada e estruturada sobre a produção e o consumo de alimentos em escala mundial. É um regime que diz respeito à projeção de poder político e econômico do capitalismo mundial, que organiza a produção agrícola reduzindo os custos salariais e aumentando a lucratividade e estabelecendo o abastecimento com preço mundial administrado. Nesta direção, o papel dos estados nacionais que são grandes aliados e capturados pelo grande capital, ao ampliar a lucratividade dos grandes grupos nacionais e internacionais, seja pelos imensos subsídios, pelo descaso com a legislação ambiental e com as condições de trabalho no campo, além da invisibilidade de grandes aquisições de terras por estrangeiros no Sul global.

A segurança alimentar, portanto, é uma ampla reflexão política que nos apresenta a possibilidade de alterar as regras do jogo exercido pelo grande capital agrícola, que destrói, como nos ensinou Polanyi, o meio ambiente e a natureza humana, e que faz com que uma boa parte da humanidade sofra de fome, de insegurança, de precarização ou mesmo da possibilidade de usufruir dos frutos de seu trabalho. ■

Notas

1 Costa Lima, Marcos (2008), “As mutações da Mundialização ou quando o capitalismo financeiro direciona o capitalismo cognitivo: desafios para a América Latina”. In: Costa Lima, Marcos (Org.), *Dinâmica do Capitalismo Pós-Guerra Fria*, São Paulo: Editora Unesp, 167:209.

2 Silva, Rodrigo Peixoto da (2015), *A Indústria de Máquinas Agrícolas: formação de oligopólio internacional e poder de mercado*. Dissertação defendida na USP – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queirós”, Piracicaba.

3 Chesnais, François (1996), *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Editora Xamã.

4 McMichael, Philip (2007), *Globalization and the Agrarian World*. Published in George Ritzer, ed, *The Blackwell Companion to Globalization*.

5 Mc Michael, Philipe (2016), *Regimes Alimentares e questões agrárias*. São Paulo, R.G do Sul: editora Unesp/Editora UFRGS, p. 164.

Marcos Costa Lima é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco.